Terrorismo, a grande ameaça

Os termos terror e terrorismo, pelo menos na Idade Moderna, foram usados originalmente durante a Revolução Francesa, especialmente entre os anos de 1793 e 1794, quando o Comitê de Salvação Pública tomou o controle do país. Tendo à frente os revolucionários Maximilien Robespierre e Louis Saint-Just, a França passou por um período caótico, que ficou conhecido como a Era do Terror.

No século XIX, o terrorismo passou a aparecer nos livros de autores anarquistas que justificavam a validade da utilização de métodos terroristas para destruir o poder exercido por governantes despóticos, ideias que adentraram o século XX. Não se deve esquecer que foi um ato terrorista — o assassinato em 1914 do herdeiro do trono austríaco, na cidade de Sarajevo, Bósnia — que desencadeou a Primeira Guerra Mundial (1914-1919).

O terrorismo é o grande fenômeno global do início do século XXI. Essa nova era do terror teve início com os atentados de 11 de setembro de 2001, quando extremistas islâmicos ligados à organização Al-Qaeda, lançaram aviões contra as Torres Gêmeas e contra o Pentágono nos Estados Unidos.

Desde então, atentados às cidades de Londres (Inglaterra), Madri (Espanha), Bali (Indonésia), Moscou (Rússia), Riad (Arábia Saudita), Casablanca (Marrocos) e Istambul (Turquia), entre outros, mostraram o grau de abrangência desses atos.

Como se poderia definir o que é terrorismo? A definição de tal fenômeno é complexa e depende de quem responde a essa indagação. De maneira extremamente genérica, pode-se afirmar que o terrorismo é um tipo de ação que usa sistematicamente de métodos violentos para criar situações de medo, visando a algum objetivo político.

O próprio conceito de terrorista muda em função das circunstâncias políticas. Certas personalidades da política internacional, como o falecido líder palestino Iasser Arafat ou o ex-primeiro-ministro de Israel Menahen Béguin foram, em épocas diferentes, considerados terroristas e, mais tarde, reconhecidos internacionalmente e agraciados com o Prêmio Nobel da Paz pelas Nações Unidas.

Da mesma forma, o sul-africano Nelson Mandela, primeiro presidente da República Sul-Africana pós-apartheid e hoje reconhecido como um dos mais respeitados líderes políticos, foi considerado terrorista pelas autoridades do governo sul-africano durante a vigência do regime racista. Mandela passou cerca de 25

anos nas prisões da África do Sul. Mesmo no Brasil, durante o regime militar (1964-1985), algumas pessoas foram consideradas terroristas, mas, com o fim do ciclo de governos autoritários, passaram a exercer cargos importantes no governo federal.

Existe na atualidade uma doutrina geopolítica global antiterrorista, posta em prática pelo governo norte-americano. Conhecida como Doutrina Bush, tem como ponto central a luta contra o terrorismo internacional. Assim, os ataques da coalizão de forças lideradas pelos Estados Unidos contra o Afeganistão (2001) e contra o Iraque (a partir de 2003), como as pressões sobre o Irã, a Coreia do Norte e a Síria são exemplos da aplicação dessa doutrina.

A Al-Qaeda e o terrorismo islâmico

O islamismo como projeto global e cujo "ícone" é a Al-Qaeda vem se disseminando e atuando num grande número de países, principalmente afro-asiáticos. Ao contrário dos conflitos localizados, que utilizam o Islã como arma numa luta essencialmente nacional ou territorial, o islamismo global pretende destruir tanto as particularidades dentro do próprio mundo muçulmano como o pluralismo da comunidade internacional.

Hoje, os piores tipos de fanatismo ligados ao "islamismo universalizado" acontecem em países onde o processo de ocidentalização é mais intenso, traumático ou malsucedido, como os do mundo árabe e o Paquistão, e prosperaram em locais onde existem minorias muçulmanas discriminadas ou mal-integradas, como na Europa ocidental.

Desde 2003, por conta da invasão liderada pelos Estados Unidos, o Iraque tornou-se o local do mundo em que mais ações terroristas aconteceram. A invasão americana do Iraque não reduziu a ameaça terrorista, conforme afirmara o presidente George W. Bush antes da guerra, mas fez com que ela se tornasse bem mais importante.

A Guerra do Iraque desviou a atenção e os recursos americanos do esforço para neutralizar a liderança da Al-Qaeda e se constituiu no maior fracasso da estratégia antiterrorismo dos Estados Unidos. A eficácia da guerra ao terrorismo global, ou Doutrina Bush, tem sido cada vez mais questionada.

De acordo com especialistas, se a organização de que dispunha a Al-Qaeda até 2001 foi enfraquecida, as ideias que ela representa tornaram-se mais fortes e o mundo bem mais perigoso.